



## **Gramática e discurso: pensamentos latentes e expressões de situação**

### **Grammar and discourse: latent thoughts and situation expressions**

**Eni Puccinelli Orlandi\***  
Unicamp/Unemat

**Resumo:** *A partir do estudo de M. Said Ali sobre o que ele denomina “expressões de situação” procuramos compreender a estrutura e funcionamento dessas expressões, observando da perspectiva da Análise de Discurso. Produzimos, desse modo, uma reflexão que nos permite relacionar gramática e discurso, considerando que o procedimento de análise de S. Ali desloca a noção de termos expletivos, ou de realce, como se trata na gramática, para expressões de situação, incluindo, assim, a relação com a exterioridade. Essa proposta de Said Ali aponta para um outro modo de pensar a língua.*

**Palavras-chave:** *Expressões de situação, Palavra-discurso, Gramática e discurso, Processo discursivo.*

**Abstract:** *From the study of M. Said Ali on what he calls “situation expressions”, we try to understand the functioning structure of these expressions, observing from the perspective of Discourse Analysis. In this way, we produce a reflection that allows us to relate grammar and discourse, considering that S. Ali's analysis procedure displaces the notion of expletive terms, or highlighting terms, as it is in grammar, to expressions of situation, including, thus, the relationship with exteriority. Said Ali's proposal points to another way of thinking about language.*

**Keywords:** *Situational expressions, Discourse-word, Grammar and discourse, Discursive process.*

## **Introdução**

Nossa proposta, no projeto História das Ideias Linguísticas, sempre objetivou considerar as ideias linguísticas em suas consequências, não só sobre a política de línguas, mas, mais extensamente, no funcionamento dessas ideias na relação dos sujeitos com a sociedade na história. Importa também, no campo desse projeto, a questão da identidade, não pensada de forma militante, mas procurando estabelecer “bases teórico-metodológicas para compreender o imaginário social brasileiro que se constituiu ao longo de uma complexa história que produziu processos de identificação do brasileiro” (E. Orlandi, 2001).

O autor M. Said Ali é um dos que contribuíram fortemente para nossa compreensão desse processo sócio-histórico de identificação pelos instrumentos linguísticos. Seu livro *Dificuldades da Língua Portuguesa* (2008) foi um dos primeiros a me interessar, pois, na perspectiva teórica em que trabalho, a da Análise de Discurso, li, desde a primeira mirada, o equívoco engatilhado no título: a palavra *dificuldades* pode ser lida como erro, ou como diferença. A maior parte interpreta como erro ou como dúvida ou discordância diante de usos “variados” de certas formas de linguagem. Há até um dicionário sobre dificuldades da língua portuguesa. Para dirimir dúvidas. Mas poder-se-ia interpretar *dificuldades* como discrepâncias, divergências. Ora, este autor tem um conhecimento de linguagem amplo e consistente o suficiente para não falar dessas dificuldades sem alcançar um sentido maior dessa discussão, ou seja, sem avançar teoricamente na reflexão sobre a língua nacional. E avança com novas questões. O que ele põe em dúvida, penso, são os limites entre “dificuldade” e “brasileirismo”, e o que ele anuncia é o fundo diverso de nossa língua e a de Portugal. É com este olhar que agora analiso alguns fatos de que ele trata em seu *Meios de expressão e alterações semânticas* (1971).

### **Quando a exterioridade conta**

Há algumas noções<sup>1</sup> que se mantêm, embora diferentemente definidas, nas diferentes teorizações. No caso presente, tomamos a

noção “expressão de situação”, que é teorizada por Said Ali. Essa é uma noção que, na Análise de Discurso que pratico, nos remete à noção de “condições de produção”, e, também a de “acontecimento”. O importante, neste caso, é marcar aqui que Said Ali já sabia que para pensar o sentido na linguagem não podia ignorar o *funcionamento da exterioridade* na produção dos “meios de expressão”<sup>2</sup> e “alterações semânticas”. Se já é habitual ressaltar que ele não separa categoricamente os estudos sincrônicos e diacrônicos, menos tematizada tem sido sua observação da exterioridade como parte dos estudos da linguagem.

Os estudos de Said Ali sobre alterações semânticas, que também são parte desse seu livro, não deixam de ter grande interesse. O autor entende que muitas mudanças de significado são determinadas por metonímia, analogia, eufemismo, degradação. Ele trata, neste capítulo, também da polissemia e da metáfora. Trata dos dois processos de modificação do significado: por restrição e por extensão. E considera que o significado muda no tempo e no espaço. Nesse nosso trabalho, vamos permanecer na reflexão sobre as *expressões de situação*, sem deixar de observar que, o que ele desenvolve em suas alterações semânticas, tem reflexo sobre as expressões de situação, pois aí entram observações da ordem do que ele chama psicológico e semântico.

Voltemos, pois, ao nosso objetivo, que é refletir sobre o que diz Said Ali sobre as *expressões de situação*. Já de início vale dizer que ele nomeia um fato de linguagem que, na gramática, se considera como “termos expletivos”, de realce, como sendo “expressões de situação”. Isso é bastante significativo. Para nós, do discurso, o que observa Ali sobre a situação faz vir à consideração noções como exterioridade, condições de produção (sujeito e situação) e memória. Também a noção de acontecimento, junto a de estrutura, faz presença, como veremos adiante.

Seus leitores, especialistas, vão dizer que o semantista Said Ali, acima do modo antigo e exclusivista de ver as coisas, coloca a indagação histórica. Não se limita às mudanças de fonemas e formas gramaticais, mas estende-se às expressões, que, com o tempo, foram-se trocando por outras. Entra-se, diz o autor W. Macedo (2011), no domínio da psicologia e da semântica. Vamos olhar com mais cuidado esta afirmação, pois, mantendo a consideração da semântica, e pensando as “expressões de situação”, pensamos que o que faz Ali é

mais do que entrar no domínio da psicologia, se a tomamos em sentido estrito, pois S. Ali sugere também a presença do sujeito e do inconsciente (subconsciente, como ele diz), e da historicidade.

Ainda cabe uma observação a respeito do interesse do analista de discurso pela língua. Eu diria que, assim como sincronia e diacronia não se opõem, também língua e discurso se articulam, e saber uma, pensamos, é favorável para compreender o outro; em outras palavras, saber como uma língua é ajuda a saber como funciona discursivamente. É este o nosso móvel: não desprezar conhecimentos nem os baralhar, mas saber como se articulam teoricamente. Essa é a leitura que estamos fazendo de Said Ali, que é muito favorecida, quando ele trata das “expressões de situação”, noção em que a gramática chama para sua compreensão o que sabemos de discurso.

### **A sobra, a falta: sempre uma questão**

Para procedermos a essa reflexão, vamos transcrever um fragmento de texto de Said Ali, de seu *Meios de Expressão e Alterações Semânticas* (1971), que consideramos muito significativo para nossos objetivos. Vamos manter esse fragmento como objeto de análise no percurso dessa nossa reflexão:

É esta situação ou, melhor, são as várias cambiantes de situação existentes no diálogo, na conversação, no trato familiar, que determina o uso dessas expressões concisas, alheias, talvez à parte informativa, mas capazes de conseguir intuídos que palavras formais não conseguiram. Chamemos-lhes expressões de situação. Elas atendem, ora ao ambiente criado pela presença do ouvinte, ora à situação determinada pelos acontecimentos, ora à disposição do espírito, em virtude de considerações anteriores, quer da pessoa que fala, quer do ouvinte. (grifos meus).

Antes de falarmos de nossa análise, expormos nossos comentários teóricos, gostaríamos de fazer uma observação. A parte em que fala das expressões de situação é apresentada, por Said Ali, através de extensa exemplificação e análises, com a recomposição do que ele chama de

“prováveis pensamentos latentes”, que ele apresenta, em sua escrita, entre colchetes<sup>3</sup>, expressões que ele faz questão de distinguir do que é “eclipse”. Na distinção com eclipse, essas palavras de situação são consideradas por Said Ali como sendo ditas sem serem analisadas pelos interlocutores, como ele diz: “São meios de expressão já do *domínio do subconsciente*. Não são frutos do acaso. Têm explicação; mas oferecem muita dificuldade ao estudo. Fazem, ou fizeram parte de *pensamentos latentes*” (grifos meus). Acrescentando que a palavra (neste caso ele analisa o “mas”) pressupõe a menção anterior a algum conceito ou pensamento que ela vem contradizer. Provável pensamento latente.

E sua exposição e análise assim se apresenta, graficamente:

*Dono da casa*: - Quem é?  
*Criada* – É um senhor.  
*Dono da casa* – Mas quem é?

Esta última, analisada, por ele, fica assim, reescrita:

[O que você responde não é novidade], mas [o que me deve dizer é] quem é a tal pessoa.

Prestando atenção ao que o autor faz e diz, podemos afirmar que ele procede, em sua análise, por paráfrase, reformulação, substituição, o que nos remete ao que Pêcheux chama de “processo discursivo” (1975, p.161). Como no exemplo que segue:

“Mas que lucrou você em contar a essa senhora a minha história?”

Que Said Ali explica como segue, dizendo que a adversativa – mas - pode indicar franca reprovação a palavras ou atos alheios:

“Aqui, a adversativa procede da reflexão latente: Compreende-se que alguém conte a vida de outra pessoa, quando daí lhe pode resultar algum proveito; mas, no meu caso, você não lucrou coisa alguma; logo procedeu muito mal”. Ou surpresa, como em: “Mas que bonita a voz da cantora!”, que ele reestabelece/reescreve/reformula como sendo: “Já tenho ouvido cantar bem, mas a voz desta cantora é extraordinariamente bonita.”. Produz paráfrases, substituição, reformulação, sinônimos.

Versões sobre prováveis pensamentos latentes, considerações anteriores. Na sua reescrita, interpretação e explicação se juntam.

E o mesmo ele faz em relação a “Então” (Então, como foi isso?, que revela carinho e interesse); “Agora” (E agora [que vamos nos separar] quando volta? – Eu sei lá? Agora [que vou partir, penso que voltarei] só em agosto.); “Afinal” em Afinal [nessa situação] quem não faria o mesmo?; e outros exemplos com “Pois”, “Olhe”, “Que quer?”, “Quer saber?”, “Verdade é que”, “Se”, “Pois se”, e também pausas, reticências, repetição, e muitas outras “expressões”.

O que podemos observar nesses exemplos, se tomamos o ponto de vista discursivo, é que aí se alinham fatos formais da língua que, em outras perspectivas teóricas, seriam analisados como elementos expletivos, produzindo alusão, implícito, e assim por diante. Neste nosso estudo, como dissemos, vamos tratar esses “fatos formais” através de noções discursivas como memória (efeito de sustentação e pre-construído), acontecimento, condições de produção, paráfrase, metáfora, formação discursiva, antecipação.

Podemos afirmar que o que caracteriza essas “expressões”, nas gramáticas, é serem *expletivas*. Dito de outro modo, estão ali deslocadas, aparecem como não fazendo parte. São expressões concisas, como diz Said Ali.

Penso que, teoricamente, ressalta aí a questão do que tenho tratado como *incompletude* da linguagem, seja de sentidos, seja dos sujeitos. E do texto. Quando falamos em incompletude, falamos de falta e de sobra. A linguagem não é transparente, e, como tenho considerado, nem exata. Em Said Ali é a palavra “sobra” que é usada: “Figuram muitas vezes no falar corrente, e em particular nos diálogos, palavras e frases que parecem de *sobra* nas proposições quando estas se analisam com os recursos usuais da gramática e da lógica (...). Não são desnecessárias. Basta tentar eliminá-las, para ver que as proposições se tornam vagas e falhas de certo intuito que temos em mente” (grifo meu, p.29). Em outras palavras, elas *significam*.

Seria, de certo modo, um “a mais”. De nossa parte, penso que podemos observar que, na incompletude da linguagem, o que parece um a mais (sobra) resulta, efetivamente, de um a menos (tornam-se vagas, nas palavras de Ali). Porque não são desnecessárias. Significam pelo silêncio que carregam.

Said Ali faz um comentário interessante sobre o nome usual que se dá a este fato de linguagem, “palavras expletivas”, já que ele discorda, pois “se a oração já está plena, como é que ainda vem mais enchimento?” Crítica que ele estende ao discurso dos gramáticos que, para explicarem, dizem “que podem suprimir-se sem alterar o valor...”. Segundo Ali, “se aumentam a força, a graça ou energia, o valor da frase fica alterado”. São necessárias. Constituem a unidade do texto, eu diria.

Vemos, assim, que, desde que entra em conta a significação, a própria perspectiva da análise muda. Entra em conta a psicologia e a semântica, como diz S. Ali. E o que eu julgo importante observar é que Said Ali, quanto a questão das expressões de situação, trabalha justamente nesse intervalo, nessa relação do que pensa o gramático e o semanticista. A meu ver, o que falta aí é a noção de *imaginário*. A completude é uma noção da ordem do imaginário. Pelas *relações de sentidos* sabemos que toda formulação remete a outras, anteriores, e aponta para outras, que virão. A formulação não se fecha. É em sua organização, sua estrutura, que a consideramos como completa ou incompleta. Como acontecimento está em movimento no processo de significação. Assim como, enquanto acontecimento, não podemos pensar só o estável, mas o sujeito a equívoco, também quanto à completude, não há só o que se organiza como fechado, mas também o que não se fecha. São relações de sentidos que aí se apresentam.

Em mais de um sentido, eu diria, nos aproximamos. Porque não trabalhamos as unidades em si, mas as relações, trabalhamos o fio do discurso. E ele volta-se não para o discurso eloquente e retórico, como ele mesmo diz (p.30), mas para o “falar desataviado de todos os dias”.

Entra, então, em seu discurso, mesmo que ele não explore, algo que me tem ocupado: a *atenção*. No caso presente, palavras, formas, estruturas, que funcionam para chamar a *atenção*. De certo modo, isso tem a ver, no fio do discurso, com a questão da *antecipação* e, como organização, da chamada “*topicalização*” (exemplo: “A bicicleta, eu não uso mais”, com “*realce*”, para o ouvinte, na bicicleta). Questões que trazem também a instância da argumentação. Modos de tratar a linguagem sabendo de sua não linearidade. Das camadas em que ela se desdobra para significar. O latente, o não-visível, mas que está lá. O pré-assertado, o implicado. Nas palavras de S. Ali “as considerações anteriores”.

No falar de todo dia - como diz Said Ali, “falar e ouvir, e *ajeitar* a cada momento a linguagem em *atenção* a *essa pessoa* que está diante de nós” (grifos meus) - é que nos deparamos com estas expressões concisas, alheias, talvez, diz o autor, à parte informativa, mas capazes de conseguir intuitos que palavras formais não conseguiriam. É isso: para significarmos realmente, temos de nos desfazer dos freios formais. Assim é que a linguagem funciona, com estabilidade e equívoco, com estruturas e acontecimentos. A parte informativa, diríamos, a comunicação, importa pouco. Nada é completo, e a relação pensamento/linguagem/mundo não se faz termo-a-termo. Lapsos. Pedacos. Pensamentos incompletos. Latentes, diz S. Ali. A latência, nessas condições, brota em manifestações abruptas da linguagem: Mas, Então. Que parecem fora de lugar. Dispersas. Parecem, mas não estão.

Para nós, aqui, ressalta a palavra *atenção*. Ajeitar a linguagem em atenção a *essa pessoa* que está diante de nós. Ou não. Esse nosso outro, o ouvinte, que nos espera, para que a linguagem signifique. É a essas palavras que ele chama de expressões de situação e que, segundo ele, *atendem* ora o ambiente criado pela *presença do ouvinte*, mas também à *situação determinada pelos acontecimentos*, ou à *disposição do espírito*, em virtude de considerações anteriores. Em outras palavras, funciona aí o mecanismo de antecipação: considerações anteriores que produzem uma disposição do espírito a qual devemos atender. Chegar aonde nos esperam. Dar direção, argumentar. Atingir.

Vejam que aqui encontramos também a questão da memória: alguma coisa fala antes, em outro lugar. O latente. Em termos discursivos: o presente pela sua ausência necessária (leitura sintomal, em L. Althusser, 1979). E para cumprir o funcionamento das *expressões de situação* nem é preciso palavras, pode ser o silêncio, a pausa, a reticência. A interrupção súbita de palavras impressiona o espírito vivamente. Chama a atenção. E Said Ali trata aí da suspensão e da substituição. Que, segundo ele, são meios de expressão já do domínio do subconsciente. Não são frutos do acaso. Inconsciente e ideologia se articulam em presença e ausência. Para nós, é isso *o processo discursivo*. E quando analisamos, é ao processo discursivo, justamente, que estamos atentos.

## **Processo discursivo e interdiscurso**



A descrição e interpretação que o autor faz desse fato, que ele nomeia “expressões de situação”, convoca nossa reflexão para as noções de processo discursivo e de memória, de interdiscurso, da Análise de Discurso. O que nos permite ampliar seu alcance.

Há algum tempo venho explorando com mais acuidade a noção de *processo discursivo*. Tal como a define M. Pêcheux (1975, p.161): “sistema de relações de substituição, paráfrases, sinonímias, reformulações etc, que funcionam entre elementos linguísticos – “significantes” – em uma formação discursiva dada”.

Chama-nos a atenção, no procedimento analítico de Said Ali, quanto às expressões de situação, a recorrência que ele faz a isto que chamamos de processo discursivo. Para explicar, ele liga a expressão ao pensamento, através de uma paráfrase em procedimentos em que observamos reformulação, reescrita, substituição, procedimentos que reestabelecem uma relação significativa. Vejamos um exemplo:

- Ah! Não me fale desse bicho!
- *Mas* que lhe fez ele?

É como se dissesse: [A senhora mostra-se descontente], mas [eu não percebo a razão disso]; que lhe fez o cachorro para contrariá-la assim?

Na reformulação, indicada por colchetes, na análise de S. Ali, há restituição de expressões, que faltariam, e substituição de um enunciado por outro. Que chamaríamos de componentes do processo discursivo. Depois vem a interpretação: “Na exclamação, *Mas* é de surpresa”. Em seguida, vemos, na análise descritiva de Said Ali, elementos da memória discursiva, algo já lá, mas não dito.

Em relação ao que o autor introduz para pensar as chamadas “expletivas”, ou “expressões de situação” como ele prefere, certamente temos muito a dizer através das noções com que trabalhamos em Análise de Discurso, como a memória e o processo discursivo, como dissemos. E, ecoando o que Said Ali diz, afirmamos que essas “expressões” são necessárias.

As expressões de situação, como “mas”, “então”, “agora” e muitas outras, certamente engatam a formulação em algo que faz parte da memória discursiva. Engajando o silêncio, como comentaremos mais à frente.

Pensando a incompletude da linguagem e a relação com o outro, isso pode nos levar à afirmação do texto como não tendo um começo assinalável e de sua constituição por múltiplos discursos possíveis. Ou, no dizer de Pêcheux (AAD/69,p.16); “os fenômenos linguísticos de dimensão superior à frase podem ser efetivamente concebidos como um funcionamento, mas com a condição de juntar, imediatamente, que este funcionamento não é integralmente linguístico (...) e que só o podemos definir em relação ao mecanismo de colocação dos protagonistas e do objeto do discurso, mecanismo que chamamos as “condições de produção” do discurso”.

O que nos permite dizer que estas “partículas” não são da frase, mas do discurso. Elas são parte, se ligam às condições de produção do discurso. Por isso parecem não fazer parte, estar fora de lugar. Caracterizam, assim, a passagem da frase para o texto. Quando tomamos em conta o texto, sabemos, não podemos analisar um discurso como uma unidade linguística fechada nela mesma. É uma unidade aberta para a exterioridade. Não prescindimos, pois, da noção de condições de produção. O linguístico, o formal, não é suficiente para explicar, porque a estrutura se liga ao acontecimento.

Além da exterioridade estar presente na reflexão de Said Ali como “situação”, temos a possibilidade de refletir, nesse passo, sobre o procedimento pelo qual, usando colchetes, ele produz reformulações, substituindo, reestabelecendo, explicitando o que está “latente”. Apelando para o que chama “colóquio”, ou para os “acontecimentos”.

Em uma de suas reformulações, ele “guincha” o interlocutor: “Então, como foi isso?”. Segundo o autor, este “Então” revela carinho e interesse de amigo dedicado, vontade pronta de *acudir alguém*. O outro é que está em relevo. Mais adiante, ainda explorando o “Então”, dirá que não se desvanece o tempo, mas não funciona como o tempo do advérbio. Quando alguém diz “Então, que lhe parece nosso Rio?” não o diria se a pessoa chega pela primeira vez ao Rio. Mas, o curso de ideias não é temporal, é o acontecimento, eu diria: “Você andou passeando pelas ruas da cidade, então já pode informar-me da impressão que teve”. Poderia dizer apenas: “Que lhe parece o Rio?”. O “Então”, diz Ali, tem uma função, por assim dizer, pleonástica (Então) que lhe parece o Rio.

Da perspectiva discursiva, nada é “expletivo”, nada “sobra”. Não é pleonasma, no sentido gramatical. A formulação é o que ela é: estrutura

e acontecimento. O “Então” significa, e significa aí o acontecimento que é conhecer o Rio. Significa também a relação estabelecida entre os locutores. E isto é digno de nota. Não se pode chegar para qualquer um e dizer “Então?”. Esta partícula estabelece relações, produzindo efeitos de sentidos entre locutores. Discurso. É processo de significação.

Cabe, aqui, refletir sobre a definição que dei de *palavra-discurso*. Em “A palavra dança e o mundo roda” (E. Orlandi, 2013): “a palavra-discurso tem o funcionamento da alusão, mas alusão no sentido forte da palavra, isto é, no da sua força objetivante: vira coisa, palavra com corpo. Corpo a corpo da palavra, sentido, sujeito. Mundo. O real da história. Resistindo em sua materialidade. Historicidade: interdiscurso. “(...) Palavra-discurso: a palavra espreme a coisa, que espreme a relação linguagem/mundo.” No funcionamento da palavra-discurso, a palavra significa como discurso. No material que eu analisava, então, a música Kátia Flávia, de Fausto Fawcett, refiro à “Explosão de sentidos no objeto simbólico que se constrói de tal maneira que uma palavra – *palavra-discurso* – acende a narrativa e incorpora a cidade em cada palavra, em cada cena, apontando para a violência: *exocet! Polícia!*. Duas palavras são recorrentes e de certo modo o cerne dos sentidos: *calcinha e polícia*. Palavras-discurso”. E concluo que a palavra-discurso, pela alusão, carregada de efeitos ideológicos, põe em funcionamento de modo particular a memória que se atualiza pela narratividade urbana, no caso que analisei, e desencadeia o processo de significação das palavras-discurso: *Polícia! Calcinha!* E o batimento de Copacabana/Favela! Onde ainda não cabe o tapume da palavra comunidade. Em que é a palavra Favela, feito imagem mostrada, por segundos, na entreabertura do cenário, na cadência do ritmo dançante da música, que ecoa sem parar em nós: e um mundo da favela se atualiza nessa palavra-discurso sem ser dito, silenciosamente. Favela! A construção discursiva da realidade que lateja nas palavras-discurso (*Exocet! Polícia! Calcinha!*).

Nas “expressões de situação”, enquanto palavra-discurso, temos a *substituição* como processo discursivo. E S. Ali preenche com outras palavras o que (pensamentos latentes) completaria a estrutura da frase:

“(Então), que lhe parece nosso Rio?” = (“Você andou passeando pelas ruas da cidade, então já pode informar-me da impressão que teve:) que lhe parece nosso Rio?”

Na perspectiva em que procuro compreender as chamadas “palavras de situação”, palavra-discurso, o não dito é o que, silenciado, deve manter-se em silêncio. Você não traduz o silêncio em palavras. O efeito de sentido é o da própria erupção da expressão – palavra-discurso - em si: “Então”. Preencher os supostos vazios já produz uma formulação diferente. O não dito – pensamento latente em S. Ali – silenciado, carrega de sentidos alusivos, pensamentos latentes, a “expressão de situação”. Muito vem significado no que não está dito, mas indicado, aludido, pelo silêncio que constitui este dizer.

### **Estrutura e acontecimento: língua, discurso e ensino**

Tratamos aqui não de qualquer materialidade significativa, mas da materialidade específica do discurso, que é a língua, tomando o discurso, como quer Pêcheux (e Fuchs, 1975a) como materialidade específica da ideologia. Desse modo, a língua, enquanto forma material significativa, é considerada, discursivamente, como sistema material, não abstrato, nem fechado, mas aberto e sujeito a falhas. Estamos referindo especificamente à língua, pois, no caso que estamos analisando, não poderia ser de outro modo, uma vez que é da língua e da situação que fala Said Ali.

O que estamos considerando, nos leva a expor reflexões que, no caso das “expressões de situação”, remetem à relação estrutura/acontecimento. Tomando a expressão de situação no modo trazido pelo que defino como palavra-discurso. Trabalhamos, segundo M. Pêcheux (1990), quando consideramos o acontecimento, com o estabilizado e o sujeito a equívoco. O visível e o não visível. Faz parte, portanto, de nossos objetivos levar em conta as “considerações anteriores”, os “pensamentos latentes”, como refere Said Ali. Tudo isso subsumido por uma palavra, como defini acima: palavra-discurso. Acontecimento discursivo. E que traz, necessariamente, a relação linguagem, pensamento e mundo. Língua, sujeitos e história. A linguagem, como estrutura, traz em si todos os elementos que compõem uma forma linguístico-material. Que se relaciona ao acontecimento.

No gesto explicativo, de Said Ali, e que é, para nós, um *gesto de interpretação*, há o que, posto em termos de processo discursivo, é *reformulação*, em que são retomadas considerações anteriores. Ou, em

outro modo de caracterizar esse funcionamento das “expressões de situação”, funcionam aí pensamentos latentes; para nós, o não-dito que constitui o dito. Linguagem e memória são convocadas em sua articulação.

Se pensarmos em processos de significação, temos ainda as “alterações semânticas”, no caso, pelo que em Said Ali, se chama *extensão* (metonímia, analogia, eufemismo). Além de considerar também a polissemia e a metáfora, como o próprio autor inclui no que ele chama alterações semânticas: mudança de significado porque pass(ar)am várias expressões da língua portuguesa. Mudanças que podem ser de extensão, mas também de restrição. Considerando que o significado muda no tempo e no espaço, Said Ali vai buscar o significado na história da língua. Na perspectiva que trabalhamos, a semântica que praticamos é a Semântica Discursiva, distinta da que pensa Said Ali e que, como define Pêcheux (1975): “é a análise científica dos processos característicos de uma formação discursiva, que deve dar conta da articulação entre o processo de produção de um discurso e as condições em que ele é produzido”. Tratando da língua e não do discurso, para Said Ali não se trata do processo, mas da língua como a vê um gramático interessado em alterações semânticas.

Como vemos, pensando os processos de significação, são muitas as direções em que podemos relacionar a forma linguística, material (palavras formais, diz Ali) e o que significam as expressões de situação: explorando a presença do ouvinte, ou a situação determinada pelos acontecimentos, ou a disposição do espírito de quem fala ou de quem ouve.

Um ponto importante a se considerar, como dissemos, é a ligação destas formas materiais ao silêncio que carregam, pois aí se instala o trabalho da interpretação. Palavras-discurso plenas de silêncio a ser significado. Pontos de suspensão do dizer. Alusão. Ganchos de significação onde se enlaça a atenção dos protagonistas do discurso. Funcionam, enquanto palavras-discurso, como *argumentos* que dirigem os sentidos em certa direção, em que se relacionam formações discursivas.

Considerando que este gramático já traz para a reflexão um funcionamento de linguagem como as *expressões de situação*, fazendo, assim, entrar para a reflexão, questões sobre a *exterioridade*,

gostaríamos ainda de explorar, em nossa conclusão, uma questão que pontua a relação com o ensino. E que se articula à escrita e leitura.

## Concluindo

J. Rios (1992) diz que escrever é ler duas vezes. Por seu lado, Roland Barthes, falando da leitura, descreve a posição com que se lê, posição em que o sujeito leitor se curva, baixando os olhos sobre o texto (hoje, fixando a tela). Esses dizeres nos fazem refletir sobre a *atenção*. Compondo uma posição-sujeito da linguagem.

Como afirmei acima, essas palavrinhas, “expressões de situação”, são um gancho que puxa o ouvinte para a situação de linguagem; demandam *atenção*. Isso é exemplar e pode nos fazer compreender coisas importantes do funcionamento da linguagem ela mesma, e que envolve os sujeitos, os sentidos, as condições de produção. Se, na própria língua, temos formas materiais que funcionam para chamar a atenção, podemos então concluir a importância da *atenção* na práxis da linguagem.

Como exemplo tomarei, aqui, rapidamente, a questão da escrita, que tenho trabalhado, pensando o *processo discursivo*.

No ensino da escrita, se tomamos em conta a constituição do sujeito-autor, sabemos que a reformulação, a reescrita é fundamental. Escrever é reescrever. Como diz J. Rios, é ler duas vezes. E isso demanda *atenção*. Voltar-se para si. Voltar-se atentamente para a linguagem. Dar-se um tempo. Esta questão do tempo ganha importância fundamental, quando pensamos a urgência do mundo digital, em que, na leitura, muitas vezes, o gesto de interpretação se automatiza e se reduz ao mínimo, a comandos rápidos, como o tempo de um click, instrumento de controle de percursos já estabelecidos automaticamente.

Desse modo, o gesto de interpretação se realiza em um rápido “gesto”, enquanto a interpretação precisa do tempo de um processo em que a demanda de atenção é crucial. Quem escreve interpreta o tempo todo. Por isso, ao entrar nessa prática, o sujeito se envolve no processo de reformulação, de reescrita, de substituição, de sinonímia, como dissemos, e, em outras palavras, nisso que define um *processo discursivo*. Processo em que, na escrita, o sentido ganha sentido, o escrito se depura, pela atenção, pelo retorno, pela reinscrição sobre si mesmo. E assim é porque, como sabemos (E. Orlandi, 2001), não há

senão versões. É no retorno sobre si, seja na escrita seja na posição-sujeito autor, que o sentido se produz em seus efeitos; na reescrita, na reformulação, no deslocamento. Nas escolhas que o sujeito faz, ao praticar um dizer no meio dos muitos possíveis, mas não realizados. Ninho de paráfrases, onde um sentido se impõe, entre muitos outros, em sua práxis. E é assim que o sujeito se significa no que significa. Escrever, ler, reler, reformular, reescrever. A produção de um texto é uma práxis em que o sujeito se ouve, em sua formulação<sup>4</sup>. Pela atenção, ele puxa para si um sentido na possibilidade de outros, na assunção de sua autoria. Assim é que interioridade e exterioridade se articulam, no processo discursivo.

Ao trabalhar a língua em seu funcionamento, as reflexões de Said Ali sobre as “expressões de situação” nos oferecem ocasião, enquanto analistas de discurso, de elaborarmos as múltiplas possibilidades de compreensão do que é um texto. E, ainda mais amplamente, traz, entre outras conseqüências, a de avançarmos em nossa compreensão da relação gramática e texto, língua e discurso, estrutura e acontecimento. E foi isso que procuramos fazer nessa reflexão, como releitura de Said Ali.

## **Bibliografia**

- ALI, M. S. **Meios de Expressão e Alterações Semânticas**, Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1971.
- ALI, M. S. **Dificuldades da Língua Portuguesa**, Rio de Janeiro: Biblioteca da Academia de Letras, 2008.
- ALTHUSSER, L. **Ler O Capital**. Rio de Janeiro, Zahar, 1979, pp.17-18, v. I.
- BARTHES, R. Roland Barthes par Roland Barthes, Paris: Points, 1975.
- BENVENISTE, E. **Problemas da Linguística Geral**, M. da G. Novak e L.Neri (trad.), São Paulo: Ed. Nacional e Ed. Da Universidade de São Paulo, 1970.
- MACEDO, W. “Said Ali – sem rótulo”, in Ver. **ABRAFIL**, pp.170/175, Rio de Janeiro: UFF, 2011.
- ORLANDI, E. P. “A palavra dança e o mundo roda: polícia!”, in **Cidade, Linguagem, Tecnologia – 20 anos de Labeurb**, Campinas: Labeurb, 2013.

ORLANDI, E. P. **Construção do saber metalinguístico e Constituição da língua nacional**, Campinas: Pontes e Unemat, 2001.  
ORLANDI, E. P. **Língua Brasileira**, Campinas: RG, 2009.  
PÊCHEUX, M. **Les Vérités de la Palice**, Paris: Maspero, 1975.  
PÊCHEUX, M. **L'analyse automatique du discours**, Paris: Dunod, 1969.  
PÊCHEUX, M. e FUCHS, K. **Analyse du discours langue et idéologies**, Paris: Larousse, 1975<sup>a</sup>.  
RIOS, J. Epígrafe do livro de R. Ferro **Escritura y desconstrucción – Lectura (h)errada com Jacques Derrida**, Buenos Aires: Biblos, 1992.

## Notas

---

\* Doutora em Linguística pela Universidade de São Paulo e pela Universidade de Paris/Vincennes. É pesquisadora do Laboratório de Estudos Urbanos e professora colaboradora do IEL da Universidade Estadual de Campinas. Atualmente é professora visitante da Unemat, atuando no ProfLetras e em Linguística.

<sup>1</sup> Penso, aqui, em Benveniste (1970) e a noção de “tempo”, na teoria da enunciação, diferentemente do que se a pensa na gramática.

<sup>2</sup> Observe-se que ele nomeia como “meios” e não “formas” de expressão.

<sup>3</sup> Nos colchetes, que são uma escritura, o que aparece é a interpretação, logo, ele já está introduzindo aí a questão da significação.

<sup>4</sup> Ou deveria....